



Semana da Vida
10 a 17 de Maio de 2009



MEDITAÇÃO DO ROSÁRIO

MISTÉRIOS GOZOSOS (segunda-feira e sábado)

Primeiro Mistério

A Anunciação do Anjo à Virgem Maria

Maria disse ao anjo: «Como será isso se eu não conheço homem?». O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a Sua sombra. Por isso mesmo é que o Santo que vai nascer há-de chamar-se filho de Deus... porque nada é impossível a Deus». Maria disse então: «Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1,34-35.38).

A entrega de Maria representa o modelo radical da confiança em Deus, como a criança se lança incondicionalmente nos braços de seu pai.

Confiar é estar seguro das boas intenções e da rectidão de alguém, na certeza de não ser desiludido. Ao contrário, rodeados de pessoas em quem não podemos confiar, sentimo-nos incapazes de qualquer relação mais íntima.

Num mundo de insegurança e delinquência, recomendamos às crianças e aos adolescentes a maior prudência com os desconhecidos. Mesmo assim, é preciso ensinar-lhes a confiança, merecendo nós próprios a sua credibilidade e ajudando-os na descoberta de verdadeiros amigos.

Acreditando em tudo o que lhe foi dito porque vinha da parte do Senhor, Maria leva-nos consigo: como ela, depositamos toda a nossa confiança n'Aquele que conhecemos pela fé. Como ela, levaremos connosco os irmãos, nomeadamente as crianças e os adolescentes, a quem daremos a conhecer o Senhor, o maior Amigo, em quem depositamos toda a nossa confiança.

Que, pela rectidão da nossa vida e o desempenho das nossas obrigações, manifestemos toda a confiança que colocamos em Deus, a quem nada é impossível.

Segundo Mistério

A Visitação de Maria a Santa Isabel

Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel (Lc 1,39-40).

Para Maria, ir ajudar a sua prima que, já fora de idade, se encontrava grávida foi mais importante do que ficar concentrada na sua pessoa e na sua nova situação.

O fundamento do serviço desinteressado é o amor, e o seu maior impedimento é o egoísmo. Quem não sabe amar tampouco sabe servir.

Quando descobrimos que o amor não se circunscreve aos que nos estão ligados por laços de sangue mas deve estender-se a todos os filhos de Deus, compreendemos melhor a importância do testemunho dos que gastam a vida ao serviço dos mais necessitados. Quando vemos os exemplos de dedicação que nos dão os não crentes, tomamos mais consciência da nossa obrigação de cristãos, a quem o Senhor deixou como Mandamento Novo amar como Ele amou.

A família é, e deve ser cada vez mais, a primeira escola de serviço, a comunidade onde se aprende e pratica a gratuidade do amor e do serviço mútuo.

Por Maria, peçamos a graça de passar da família, primeira comunidade de dedicação e amor gratuito, à participação generosa na vida da Igreja e da sociedade, sem regatear uma presença fraterna junto dos mais necessitados.

Terceiro Mistério O nascimento de Jesus em Belém

Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens (Fl 2,6-7).

Jesus nasce na humildade de uma gruta, igual a tantos outros de que a história não fala, mas nem por isso a sua dignidade divina fica diminuída. Ao contrário, a nossa tendência é afirmar-nos importantes exibindo a diferença: maior riqueza, mais poder, situação social, beleza...

Apesar das proclamações históricas da igualdade de direitos e de dignidade de todos os homens, a desigualdade por critérios raciais, culturais e sociais mantém-se.

Têm-se reclamado leis e planos de desenvolvimento que venham ao encontro das populações mais pobres, mais participação cidadã na vida política, uma efectiva igualdade de oportunidades, o fim das discriminação entre homens e mulheres, o reconhecimento da família como elemento básico e estruturante da sociedade... tudo preocupações saudáveis.

Mas a primeira mudança tem que se operar em cada um: amar o outro como meu próximo, porque é, como eu, filho de Deus, alguém que o Senhor ama e destina a um lugar no céu. Mesmo nas circunstâncias mais dolorosas, é esta a dignidade comum, igual, de todos os homens. Desconsiderar uma pessoa — o que é diferente de discernir situações — é uma ofensa ao próprio Deus: no seu amor e a seus olhos, todos somos iguais e únicos.

Diante do menino Deus, em tudo igual a nós, menos no pecado, peçamos a justa compreensão da nossa igualdade fundamental. Deus que a todos nos criou por amor e para o amor, e nos tornou seus filhos em Jesus Cristo, nos empenhe na defesa de todos os discriminados e excluídos.

Quarto Mistério A apresentação de Jesus no Templo

Quando se cumpriu o tempo da sua purificação, segundo a Lei de Moisés, levaram-n’O a Jerusalém para O apresentarem ao Senhor [...]. Ora, vivia em Jerusalém um homem chamado Simeão [...]. Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não morreria antes de ter visto o Messias do Senhor. Impelido pelo Espírito, veio ao templo, quando os pais trouxeram o menino Jesus [...]. Simeão tomou-O nos braços e bendisse a Deus, dizendo: «Agora, Senhor, segundo a tua palavra, deixarás ir em paz o teu servo, porque meus olhos viram a Salvação» (Lc 2,22.25.28-30).

Simeão agradece ao Senhor ter visto a Salvação com que culmina a aliança que Deus celebrou com o seu povo. Uma aliança que prevaleceu sobre todas as infidelidades humanas, revelando a constância permanente do amor divino.

A gratidão é dos valores mais prezados. Por isso, aprendemos, desde crianças, a dizer “obrigado”. Agradecer a quem nos faz bem sem a isso estar obrigado é um acto de justiça.

Na linguagem popular, quando se diz “graças a Deus”, reconhece-se que todo o bem nos vem de Deus. Graças Lhe sejam dadas. Quando alguém diz “Deus Lhe pague”, deseja que seja Deus a gratificar o que, na sua humildade, se sente incapaz de retribuir devidamente.

E a Deus, como agradecer? Simeão bendisse o Senhor, considerando o que via superior a toda a sua vida. Maria exclamou: «A minha alma glorifica o Senhor, que fez em mim maravilhas». E o salmista proclamou: «Quero cantar ao Senhor enquanto viver, quero celebrar o meu Deus enquanto existir. Grato Lhe seja o meu canto».

Manifestemos ao Senhor toda a nossa gratidão pelo seu amor sempre fiel, pelo seu Filho Jesus Cristo, pelas nossas famílias, por todos os homens nossos irmãos. Que os nossos corações a todos sejam gratos.

Quinto Mistério

A perda e o encontro de Jesus no Templo

Ao vê-’O, ficaram assombrados e sua mãe disse-Lhe: «Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!». Ele respondeu-lhes: «Por que Me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?». Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse. Depois desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração (Lc 2,48-49).

Esta resposta de Jesus, algo estranha ante a inquietação de Maria e José, é, sem dúvida, intencional: Jesus quer declarar-lhes, sem rodeios, a responsabilidade que Lhe vem da sua condição divina.

Ser responsável é ser livre e saber usar a capacidade de optar. É ter consciência de que as opções feitas são boas para si e para os outros e resistir a pressões exteriores imediatas.

Assumir responsabilidades é algo que também se aprende e cultiva. Na família as relações profundas de comunhão e solidariedade processam-se na comparticipação de todos, segundo o modo e possibilidades de cada qual, na harmonia complementar do bem comum e do bem de cada um. Esta educação do sentido de responsabilidade e co-responsabilidade, é um serviço precioso e único prestado pela família à pessoa, à Igreja e à sociedade.

Ser cristão é ser responsável na vocação, no projecto de vida, nas alegrias e sofrimentos quotidianos, na vida da Igreja e no crescimento do Reino de Deus, na construção comum de um mundo melhor. Para o casal cristão, é também ser responsável pela santificação do seu matrimónio e pela abertura à vida.

Que o Senhor nos ajude a superar as dificuldades e a ser cada vez mais responsáveis na família, na Igreja e na sociedade, até nos reunirmos com toda a humanidade na casa do Pai.

MISTÉRIOS LUMINOSOS

(quinta-feira)

Primeiro Mistério

O baptismo de Jesus no Jordão

Todo o povo tinha sido baptizado; tendo Jesus sido baptizado também, e estando em oração, o Céu rasgou-se e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como uma pomba. E do Céu veio uma voz: «Tu és o meu Filho muito amado; em Ti pus todo o meu agrado» (Lc 3,21-22).

O Pai afirma-Se totalmente com o Filho, na unidade do mesmo Espírito Santo. O gesto de Jesus que, não tendo pecados, está no meio dos pecadores a receber com eles o mesmo baptismo de penitência, é gesto de Deus que, inequivocamente, Se manifesta solidário com a humanidade.

Ser solidário significa fazer-se “sólido” com os outros, isto é, um só com eles. Compreende-se que se unam os que têm as mesmas necessidades, mas é surpreendente que alguém, sem necessidade, se una aos necessitados, na mesma luta. Para isso é necessário amor.

Há muitas manifestações de solidariedade, mas nem todas correspondem a causas justas ou a necessidades humanas concretas. Além do testemunho de uma autêntica solidariedade, partilhando não só bens materiais mas também o que sabemos, o que somos e o nosso tempo, a nós, adultos, compete especialmente ajudar as novas gerações no discernimento das boas causas. Neste momento, não esqueçamos a defesa da vida, desde o seu início ao seu termo natural, e a dignificação de cada pessoa em todas as idades.

Senhor, nosso Pai, que, na presença do Espírito Santo, manifestaste toda a solidariedade com a nossa humanidade, reconhecendo em Jesus o teu Filho muito amado, concede-nos que nos abramos a todos os irmãos, optando preferencialmente pelos mais necessitados.

Segundo Mistério

A Revelação de Jesus nas bodas de Caná

Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-Lhe: «Não têm vinho!». Jesus respondeu-lhe: «Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora». Sua mãe disse aos serventes: «Fazei o que Ele vos disser!» [...] Disse-lhes Jesus: «Enchei as vasilhas de água». Eles encheram-nas até cima. Então ordenou-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa» (Jo 2,3-5.7-8).

Atenta, a mãe de Jesus mostra compaixão para com aquelas pessoas em aflição.

Compadecer-se não é só lastimar a dor ou a pena alheia, mas padecer com quem padece. Também a compaixão é fruto do amor. Conhecemos os bons resultados de tanta gente compadecida que procurou socorrer os irmãos, muitas vezes parecendo não ter os meios necessários. Sendo verdade que a verdadeira compaixão se exprime mais com obras do que com palavras, ela pressupõe sempre corações sensíveis e generosos e nem sempre implica gastos materiais,

Na família, comunidade de aprendizagem e prática permanentes da compaixão, a sensibilidade solidária deve ser exercitada também com outras pessoas e famílias. Desde muito cedo, pode aprende-se a ser compassivo estando com o companheiro de quem ninguém gosta, visitando um doente, acompanhando um idoso, partilhando brinquedos, ajudando um pobre, ir tomando consciência dos dramas humanos...

Senhor, confiando-nos à intercessão da tua Mãe, pedimos que, a seu exemplo, estejamos sempre atentos aos que se encontram em aflição.

Terceiro Mistério

O anúncio do Reino de Deus

Jesus respondeu-lhes: «Ide contar a João o que vedes e ouvis: Os cegos vêem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa-Nova é anunciada aos pobres. E bem-aventurado aquele que não encontra em mim ocasião de escândalo» (Mt 11,4-6).

Como é possível haver opiniões tão diferentes sobre o bem e o mal? Cada um pode encontrar o critério do bem no seu íntimo. Mas essa Lei natural inscrita por Deus pode ser contrariada por conveniências de momento, pessoais ou colectivas. Acontece até que uma maioria vote leis contrárias à verdade e ao valor moral. Nem por isso o que é mau passa a ser bom.

Para os crentes, o bem supremo não se fundamenta apenas na Lei natural que está no coração de cada um, mas n'Aquele que aí a inscreveu. E nós conhecemos a Boa-Nova do Reino anunciada por Jesus Cristo. Ele resumiu os Mandamentos no amor a Deus e ao próximo. Estes são os critérios do bem que Jesus nos ensina. *Bem-aventurado aquele que não encontra n'Ele ocasião de escândalo*, mas antes O segue como verdadeiro discípulo.

Retomando o *Vaticano II*, sobre a missão da Igreja, o Papa Paulo VI diz: «Se o papel da hierarquia consiste em ensinar e interpretar autenticamente os princípios morais que se hão-de seguir [...], pertence aos leigos, pelas suas livres iniciativas e sem esperar passivamente ordens e directrizes, imbuir de espírito cristão a mentalidade e os costumes, as leis e as estruturas da sua comunidade de vida» (*Populorum Progressio*, 81).

Senhor Jesus Cristo, que a Boa-Nova do Reino seja o nosso critério de vida. Pela intercessão de Maria, faz de nós verdadeiras testemunhas do espírito que há-de transformar as leis e as estruturas da nossa comunidade de vida.

Quarto Mistério

A Transfiguração do Senhor

Transfigurou-Se diante deles: o seu rosto resplandeceu como o Sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. Nisto, apareceram Moisés e Elias a conversar com Ele. Tomando a palavra, Pedro disse a Jesus: «Senhor, é bom estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três tendas: uma para Ti, uma para Moisés e outra para Elias». Ainda ele estava a falar, quando uma nuvem luminosa os cobriu

com a sua sombra, e uma voz dizia da nuvem: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado. Escutai-O» (Mt 17,2-5).

Escutar é criar disposição para atender e entender. Pode acontecer estarmos a ouvir sem prestar atenção. Na azáfama quotidiana, esquecendo esta verdadeira necessidade, muitas vezes parecemos não quer ou não saber escutar.

As crianças consideram amigas as pessoas a quem podem contar os seus problemas. Os adolescentes, não raro, trocam a casa pela rua, onde amigos “compreensivos”, nem sempre bons conselheiros, lhes dão a atenção que os pais não sabem dar. No casal, o diálogo e a escuta são um termómetro da harmonia conjugal.

O amor fala da necessidade de escutar, e a escuta, da necessidade de amar. Só pode escutar na perfeição quem ama na perfeição. Deus declara ter escutado o clamor do seu povo oprimido no Egipto e não mais o esquece (cf. Ex 3,7). Moisés, da parte de Deus, diz ao povo «Escuta, Israel...» e manda repetir e escrever diante dos olhos. Mesmo assim, Deus terá de renovar incessantemente a Aliança com o seu povo (cf. Dt 5,1s).

Senhor, neste mundo cheio de ruídos, ensina-nos a saber escutar aqueles que se nos dirigem. Ensina-nos também a arte de sabermos escutar-Te no silêncio do nosso coração.

Quinto Mistério A instituição da Eucaristia

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: «Tomai, comei: Isto é o meu corpo». Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: «Bebei dele todos» (Mt 26,26-27).

«Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos amigos» (Jo 15,13). Jesus, que o diz, sabe ser amigo e demonstra-o com factos, não apenas com palavras.

Queixamo-nos que já não há amigos. Talvez devamos antes queixar-nos de não sabermos ser amigos... sentindo solidão em vez da amizade tão necessária e mesmo vital.

Nos seus diversos níveis de relação, a família é a comunidade natural dos afectos mais profundos. Mas esse belo círculo familiar, ampliando-se para outros, dando e recebendo, contribui decididamente para entretecer uma sociedade que seja cada vez mais família de famílias.

A família ganha ainda imensamente se, pela fé, se descobrir *Igreja doméstica*. A partir da Eucaristia celebrada na grande comunidade eclesial, esta comunidade dos afectos mais profundos cimeta a sua união pela Comunhão de todos no mesmo Senhor Jesus Cristo, que chama cada um a ser, como Ele, *verdadeiramente para os outros* (cf. *Spe salvi*, 27) e recomenda a todos: «Assim como Eu vos amei, vós, também, deveis amar-vos uns aos outros. Por isto saberão que sois meus discípulos» (Jo 13,34-35).

Senhor, Tu que nos deste a maior prova de amizade querendo permanecer connosco «até ao fim dos tempos», torna-nos capazes de ser amigos dos nossos amigos, estando também presente sempre que necessitem de nós.

MISTÉRIOS DOLOROSOS (terça e sexta-feira)

Primeiro Mistério A Agonia de Jesus no Horto das Oliveiras

Voltando para junto dos discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro: «Nem sequer pudeste vigiar uma hora comigo! Vigiai e orai, para não caídes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é débil». Afastou-Se, pela segunda vez, e foi orar, dizendo: «Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que Eu o beba, faça-se a tua vontade!» (Mt 26,40-42).

Segundo a Carta aos Hebreus, ao entrar no mundo, Cristo diz: «Não quiseste sacrifício nem oblação, mas preparaste-me um corpo [...]. Eis que venho, ó Deus, para fazer a tua vontade» (Heb 10,5-7). No original hebraico lê-se: *preparaste-me os ouvidos*, o que sugere uma escuta e lembra a declaração de Jesus aos discípulos: «Chamei-vos amigos porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai» (Jo 15,15).

“Obedecer” tem o significado rigoroso de ouvir o que alguém diz. Os que se amam escutam-se, sem domínios que o amor não comporta. Em Deus, o Pai e o Filho escutam-Se na perfeição de um mesmo Espírito, e Jesus, na nossa humanidade, manifesta esse acolhimento ao Pai, e a certeza de ser ouvido pelo Pai. Nem as ameaças nem a morte que Lhe impõem O afastam desta obediência incondicional.

A Carta aos Hebreus diz: «em virtude desta vontade somos santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo» (10,10), e aponta a atitude do novo culto: deixar que Deus grave as suas leis no nosso coração e as inscreva no nosso espírito.

Unindo o amor de Deus e o amor do próximo, percebemos como a obediência a Deus está ligada à obediência que se aprende na vida familiar: Só os que amam de verdade sabem escutar e acolher.

Que o “sim” de Cristo, de correspondência total ao amor do Pai e de partilha com os homens, seus irmãos, nos liberte do “não” das nossas recusas.

Segundo Mistério A Flagelação de Jesus

Pilatos replicou-lhe: «Que é a verdade?». Dito isto, foi ter de novo com os judeus e disse-lhes: «Não vejo nele nenhum crime. Mas é costume eu libertar-vos um preso na Páscoa. Quereis que vos solte o rei dos judeus?». Eles puseram-se de novo a gritar, dizendo: «Esse não, mas sim Barrabás!». Ora Barrabás era um salteador. Então, Pilatos mandou levar Jesus e flagelá-l’O (Jo 18,38-40.19,1).

Pilatos tinha o poder e o dever de absolver Jesus. No entanto, mesmo sabendo-O inocente, condenou-O. No mundo de hoje, são visíveis o egoísmo, a discriminação, a falta de solidariedade e o crime. Mas não podemos ignorar as novas ameaças à verdade e ao direito, à escala social e global, ligadas ao vazio moral das culturas de base, à vaga de relativismo e à manipulação da opinião pública. A vida humana e outros valores fundamentais, nunca referendáveis, são postos em causa e sujeitos ao veredicto popular, e os parlamentos aprovam leis que atentam contra a justiça e contra as consciências.

Deus advoga a causa dos explorados e oprimidos e pede-nos contas pelos nossos irmãos. Para que os grandes valores éticos voltem à compreensão da justiça e ao uso da liberdade, o cristão não pode esquecer o dever de se evangelizar e ser evangelizador.

A justiça é um valor que se aprende em família, sobretudo pelo testemunho dos mais velhos em actos solidários, na luta pela dignidade humana e na denúncia da injustiça.

Que o Senhor nos ajude a criar uma sociedade mais justa e respeitadora da dignidade de todos os homens.

Terceiro Mistério A Coroação de Espinhos

Depois, os soldados entreteceram uma coroa de espinhos, cravaram-Lha na cabeça e cobriram-n’O com um manto de púrpura; e, aproximando-se d’Ele, diziam-lhe: «Salve! Ó Rei dos judeus!». E davam-Lhe bofetadas. Pilatos saiu de novo e disse-lhes: «Vou trazê-l’O cá fora para saberdes que eu não vejo n’Ele nenhuma causa de condenação» (Jo 19,2-4).

Jesus é despojado de tudo, humilhado, troçado. Está só. Tudo em seu redor é hostil. Nunca procurou as aclamações das multidões, que alimentara e de quem se compadecera, ou dos aflitos que socorrera e curara, mas agora despojavam-n’O de toda a dignidade. Sem queixume abraçava a mais completa abnegação. A sua vida há muito oferecida, livremente e por amor ao Pai e aos seus (cf. Jo 10,15-17), como grão lançado à terra (cf. Jo, 12,24) há-de dar fruto, e ser retomada em *espírito vivificante* (1 Cor 15,45) e fonte de vida para todos os que n’Ele crêem.

Que estranha atitude, esta, nos dias de hoje! No entanto, amor e abnegação são indissociáveis, como duas faces duma mesma moeda. Não é possível o amor conjugal sem abnegação de cada um. Não é possível o amor em família sem cada qual abdicar do que impede a comunhão.

Só a abnegação fará frente ao individualismo. Por isso, Jesus é claro no seu chamamento a *deixar tudo, tomar a sua cruz e segui-l'O* (cf. Mt 16,24).

A família, escola da transmissão dos valores, é o local privilegiado da prática da abnegação como caminho essencial para a construção do amor.

Que o Senhor nos ajude a compreender e a viver este mistério de Jesus despojado de tudo e coroado de espinhos.

Quarto Mistério Jesus carrega a Cruz a caminho do Calvário

Quando O iam conduzindo, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus. Seguiam Jesus uma grande multidão de povo e umas mulheres que batiam no peito e se lamentavam por Ele. Jesus voltou-Se para elas e disse-lhes: «Filhas de Jerusalém, não choreis por Mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos» (Lc 23,27-28).

Quem imaginava que Jesus ainda encontrasse sentido na caminhada? No entanto, aceita ajuda de *quem tome a cruz, após Si* (Lc 14,27) como verdadeiro *discípulo*; e às mulheres, em lágrimas *por Ele*, apela a chorarem antes por si próprias e seus filhos, como Ele chorava por Jerusalém, que se arruinava na recusa da paz oferecida (cf. Lc 19,41). Após a Ceia, em que deu o pão do seu corpo entregue e o seu sangue que ia ser derramado, *prosseguiu no caminho* do cumprimento pleno da sua dádiva (cf. Mc 22,19-22). Desistir dos objectivos, por desânimo ou falta de forças, optar pelo fácil, sabendo que não é o verdadeiro, quem nunca cedeu à tentação? Os princípios que nos orientam têm que ser entendidos no nosso íntimo. Mas a mola da constância e da coerência é o amor e não o egoísmo.

O amor solidário de Jesus, completamente para os outros, interpela-nos. Diz-nos Bento XVI, a relação com Jesus Cristo é «uma relação com Aquele que se entregou a Si próprio por todos nós [...], que nos envolve no ser “para todos”» (cf. *Spe salvi* 27). Por isso, S. Paulo escreveu: «Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo» (Fl 2,5) e, noutra ocasião, insistiu: «Acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição» (Cl 3,14).

Que o Senhor nos ajude a construir laços profundos de amor e solidariedade.

Quinto Mistério Jesus é crucificado e morre na Cruz

Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram-n'O a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem». Depois, deitaram sortes para dividirem entre si as suas vestes. Ora, um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-O, dizendo: «Não és Tu o Messias? Salva-Te a Ti mesmo e a nós também». Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o: «Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas acções mereciam; mas Ele nada praticou de condenável». E acrescentou: «Jesus, lembra-Te de mim, quando estiveres no teu Reino». Ele respondeu-lhe: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso» (Lc 23,33-34a.39-43).

Jesus mostrou no Calvário que não há amor sem perdão. Por amor, aceitou a morte e morte na cruz; por amor, perdoou aos que O escarneceram e crucificaram. Deus é Amor — e a maior prova do seu amor é perdoar-nos sem condições.

Quando sofremos ofensas podemos sempre seguir um de dois caminhos: perdoar ou ficar ressentidos, crescer espiritualmente ou ficar amargurados. O perdão tem de ser uma característica do nosso viver cristão, pois, assim como Deus nos perdoa, também pede que nos perdoemos a nós próprios e uns aos outros. Sem perdão não há paz nem reconciliação.

Devemos ter consciência que todos erramos, pelo que não é possível viver em família sem a necessidade do perdão. Temos de aprender a respeitar as diferenças, a fomentar o diálogo, a saber ouvir, a pedir perdão e a perdoar, para que as nossas famílias sejam lugares de paz e de alegria.

Que o Senhor nos dê a humildade e a coragem para pedir, dar e aceitar o perdão, antes de mais, dentro das nossas famílias.

MISTÉRIOS GLORIOSOS (quartas e domingos)

Primeiro Mistério A Ressurreição de Jesus

«Por que buscais o Vivente entre os mortos? Não está aqui; ressuscitou! Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia, dizendo que o Filho do Homem havia de ser entregue às mãos dos pecadores, ser crucificado e ressuscitar ao terceiro dia» (Lc 24,5b-7).

A promessa da ressurreição fora enublada pela paixão e morte. Os discípulos, que se fixaram dor e na perda irreparável, foram colhidos de surpresa. Mas era Ele e não outro. Nada estava perdido. O Senhor ressuscitou verdadeiramente! Como proclama a liturgia pascal: «Ressuscitou o Bom Pastor que deu a vida pelas suas ovelhas». «Aquele que conhece também o caminho pelo vale da morte [...] caminha connosco servindo-nos de guia» (cf. *Spe salvi* 6).

Esta é a grande esperança: com o Ressuscitado, viveremos para além da morte. Sem a fé, procurando apenas a felicidade sobre a terra, limitar-nos-íamos às esperanças daqui, com futuro muito curto. Com a fé, tudo muda. Ter futuro é mesmo o *distintivo dos cristãos*, que não verão a vida acabar no vazio, mas desde já transformada em vida nova (cf. *ibidem*).

Porque só o amor dá sentido à vida, a família é também a comunidade da esperança. Mas este amor, ainda frágil e ameaçado pela morte, necessita de ser *redimido* destes seus limites para ser *incondicionado*. Jesus Cristo, o nosso Bom Pastor ressuscitado, conduz-nos a uma vida que seja verdadeiramente para os outros, e permite-nos acreditar que nem a morte poderá vencer-nos. Como Paulo podemos dizer: «Vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e Se entregou a Si mesmo por mim» (Gl 2,20).

Que o Senhor ressuscitado, redimindo os limites e as fragilidades do amor humano, transforme as famílias em comunidades de esperança.

Segundo Mistério A Ascensão de Jesus ao Céu

Depois, levou-os até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. Enquanto os abençoava, separou-Se deles e elevava-Se ao Céu. E eles, depois de se terem prostrado diante d'Ele, voltaram para Jerusalém com grande alegria. E estavam continuamente no templo a bendizer a Deus (Lc 24,50-53).

Em S. Lucas, o relato da Ascensão é precedido de uma aparição em que o Ressuscitado se identifica pelas marcas da cruz nas suas mãos e nos seus pés, e recorda as Escrituras sobre o seu sofrimento, a sua morte e a sua ressurreição. Nada era para esquecer, tudo se integrava no triunfo de Jesus. E *voltaram para Jerusalém com grande alegria*.

A alegria de amar e ser amado perdura para além da tribulação, e a alegria que tem o seu fundamento no amor de Deus é eterna. Deus creditou Jesus de Nazaré, que fez da vida um dom completo ao Pai e aos irmãos. Condenaram-n'O e crucificaram-n'O, «mas Deus ressuscitou-O, libertando-O dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o seu domínio» (Act 2,24). Agora, na alegria plena de seu Pai, prepara um lugar para os que n'Ele crêem e como Ele vivem.

Deus, que consagrou em seu Filho a entrega total ao serviço do Pai e dos irmãos, nos conceda o espírito de dedicação que, desde já, nos introduza na verdadeira alegria.

Terceiro Mistério A descida do Espírito Santo

Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem (Act 2,1-4).

Com que força e ousadia os Apóstolos saem da casa fechada para a rua, em Jerusalém! Pedro, discursando, afirma que o projecto de Deus, que quiseram destruir, triunfou com a Ressurreição de Jesus. Os que o ouvem não ficam apenas informados, ficam transformados e perguntam: «Que havemos de fazer?» (Act 2,37).

O Espírito Santo, reconduzindo os Apóstolos às palavras e aos gestos de Jesus e à sua compreensão, transforma-os e enche-os da sua força para que possam enfrentar o mundo. O mesmo Espírito move os corações para receberem o anúncio transformador de Cristo crucificado e ressuscitado para a Vida de todos.

Na oração e escuta da Palavra de Deus, a família recebe do Espírito do Senhor o *dom da fortaleza*, que vence dificuldades, cimenta a sua edificação e a torna fermento de vida nova, na Igreja e no mundo.

Que o Senhor nos arranque aos nossos medos e às nossas tristezas. Que o Espírito Santo encha as nossas famílias com a sua força para se descobrirem na sua verdadeira identidade e testemunharem ao mundo a sua inestimável riqueza.

Quarto Mistério A Assunção da Santíssima Virgem ao céu

E vi descer do céu, de junto de Deus, a cidade santa, a nova Jerusalém, já preparada, qual noiva adornada para o seu esposo (Ap 21,2).

Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor (Lc 1,45).

«À glória, na qual, com a Ascensão, Cristo Se senta à direita do Pai, Maria será elevada com a Assunção, chegando, por especialíssimo privilégio, a antecipar o destino reservado a todos os justos com a ressurreição da carne» (*Rosarium Virginis Mariae* 23).

«Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original, terminando o curso de toda a sua vida terrena, foi elevada à glória celeste em corpo e alma e exaltada pelo Senhor como Rainha, para assim se conformar mais plenamente com o seu Filho, Senhor dos senhores (cf. Ap 19,16) e vencedor do pecado e da morte» (*Lumen gentium* 59).

Santa Maria, Mãe de Deus, Mãe nossa, ensinai-nos a crer, esperar e a amar convosco [...]. Estrela do Mar, brilhai sobre nós e guiai-nos no nosso caminho! (Spe salvi 50).

Quinto Mistério A coroação de Nossa Senhora, como Rainha do Céu e da Terra

Depois, apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça (Ap 12,1). Não mais haverá morte (Ap 21,4).

«O homem é chamado a uma plenitude de vida que se estende muito além das dimensões da sua existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus. A sublimidade desta vocação sobrenatural revela a grandeza e o valor precioso da vida humana, inclusive já na sua fase temporal» (*Evangelium vitae* 2).

«Maria é uma mensagem de viva consolação para a Igreja na sua luta contra a morte. Ao mostrar-nos o seu Filho, assegura-nos que n'Ele as forças da morte já foram vencidas: «Morte e vida combateram, mas o Príncipe da vida reina vivo após a morte». [...] Na «nova Jerusalém», ou seja, no mundo novo para o qual tende a história dos homens, «*não mais haverá morte*, nem pranto, nem gritos, nem dor, por que as primeiras coisas passaram (Ap 21,4)» (*Evangelium vitae* 105).

Como povo peregrino, povo da vida e pela vida, enquanto caminhamos confiantes para «um novo céu e uma nova terra» (Ap 21,1), voltamos o olhar para Aquela que é para nós «sinal de esperança segura e consolação» (*ibidem*).

Ó Maria, aurora do mundo novo, Mãe dos viventes, confiamo-vos a causa da vida (Evangelium vitae 105).
